

REPRESENTAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE DOS ESTUDANTES DO 1.º ANO DO CURSO DE ENFERMAGEM: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Hélia Dias¹ & Margarida Sim-Sim²

¹Escola Superior de Saúde de Santarém/Instituto Politécnico de Santarém/UMIS/UIIPS

²Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus/Universidade de Évora

RESUMO

Objetivo: identificar o universo semântico do conceito de sexualidade na representação social dos estudantes do 1.º ano do curso de licenciatura em enfermagem. **Método:** estudo exploratório e descritivo desenvolvido numa Escola Superior de Saúde com 180 estudantes com utilização da técnica de associação livre de palavras. O tratamento e análise dos dados seguiu a análise descritiva e de conteúdo. **Resultados:** emergiram três dimensões que compõem o universo semântico da representação social da sexualidade: psicológica, biológica e sociocultural. **Conclusões:** identifica-se uma representação social da sexualidade com um significado tendencialmente conservador ou normativo, sobretudo no que se relaciona com o papel de género atribuído ao feminino. Esboça-se também, um significado mais aberto da sexualidade que se estrutura em torno do corpo, do prazer e na menor expressividade da função procriativa.

Palavras-chave: sexualidade; representações sociais; enfermagem; estudantes.

ABSTRACT

Objective: to identify the semantic universe of the concept of sexuality in the social representation of students from the 1st year course in nursing. Method: an exploratory and descriptive study in the School of Health with 180 students using the technique of free word association. The processing and analysis of the data followed the descriptive content analysis. Results: revealed three dimensions that comprise the semantic universe of social representation of sexuality: psychological, biological and cultural. Conclusions: identifies a social representation of sexuality tend to a conservative or normative significance, especially as it relates to the role assigned to the female gender. It also outlines a more open meaning of sexuality that is structured around the body, about pleasure and a lower expression of the procreative function.

Keywords: sexuality; social representations; nursing; students.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é caracterizada, enquanto conceito, por uma polissemia que se pode fundamentar no facto do seu desenvolvimento assentar num processo contínuo que se inicia na concepção e percorre todo o ciclo de vida, sob a influência de múltiplos fatores. É experienciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações, mas, embora possa incluir todas estas dimensões nem todos as experienciam ou expressam sempre (WHO, 2002). Como objeto de estudo tem sido tratada sob diversas perspetivas, as mais marcantes centram-se no domínio bio fisiológico que lhe é intrínseco, bem como, no domínio psicossocial, relevando este uma visão da sexualidade como uma construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. É, neste sentido, importante que se coloque o debate da sexualidade no campo do social e na relação social, pois é através deles que se constroem e reproduzem as relações entre os sujeitos.

Na enfermagem, a investigação sobre a sexualidade é recente, essencialmente a partir da década de 70 do século XX, observando-se, também, um enfoque biologicista que olha as condições de patologia associadas à sexualidade ou uma abordagem preventiva que a considera como um risco para a saúde; contudo, têm emergido concepções que salientam as influências culturais, sociais e históricas ligadas à sexualidade (Ressel, Budó, Junges, Sehnem, Hoffmann & Büttenbender, 2010). Os estudos que se têm debruçado sobre a prática clínica relacionada com a sexualidade e o ensino/formação da sexualidade mostram, ainda, este tema como um tabu que tem sido percecionado e reproduzido, não se tendo encontrado uma forma consistente de incorporar uma reflexão que seja promotora de competências para cuidar no âmbito da sexualidade.

Tomar a sexualidade como representação social permite deduzir que os discursos sobre sexualidade não são, apenas, simples opiniões, mas formas de conhecimento que circulam nas sociedades orientando comportamentos e condutas, ou de outra forma, são guias para a ação que são objeto de uma atividade de construção e simbolização (Vala, 2000). Refere o autor que “a base para a elaboração das representações sociais da sexualidade constitui-se a partir da forma como os indivíduos interpretam e dão significado prático às ideologias dominantes no campo social” (Vala,

2000, p.35), as quais se ligam a quatro instituições sociais: a família, a religião, a educação e a saúde, ou seja, os atores sociais têm um papel ativo na sua produção. Deste modo, as representações sociais da sexualidade traduzem a influência do sistema social, o que permite encontrar em cada cultura, um conjunto diverso de significados e ilustra como os comportamentos sexuais são conceptualizados em resultado dum processo de construção social e não como um simples processo intrínseco ao organismo humano (Alferes, 1997) e, também, a sua mutabilidade, no sentido que é um processo construído e reconstruído ao longo da vida. Para algumas representações há uma permanência temporal alargada, enquanto noutras, têm-se observado alterações profundas, fruto de mudanças culturais mais vastas, como as representações sobre o corpo ou sobre a criança (Vala, 2000). No caso das representações sobre a sexualidade entende-se que esta transformação, ainda que emergente, precisa de um caminho que permita a sua afirmação, pois se, por um lado se observam discursos mais abertos sobre a sexualidade, a sua prática nem sempre é congruente com eles.

Pode-se, assim, prever que as representações sobre sexualidade compreendam alguns elementos destes discursos dominantes que permitem a apreensão do seu significado num sentido mais tradicionalista e conservador, pela perceção duma visão essencialmente reprodutiva ou num sentido mais liberal, pela constatação duma visão mais distanciada desta corrente. Ao nível da enfermagem, a identificação destes elementos tem mostrado a prevalência dum discurso mais conservador, sustentado na sexualidade como tabu, na falta de competências para a sua abordagem no processo de cuidados e no processo de formação do futuro enfermeiro; mas onde, um discurso mais aberto emerge, quando há a referência à necessidade de legitimar a sexualidade como um aspeto do processo de cuidados e de promover o desenvolvimento psicosexual ao nível do ensino de enfermagem.

Assim, na perspetiva de que é necessário reorientar a reflexão sobre a sexualidade, torna-se evidente que é preciso conhecer o que pensam os estudantes do 1.º ano do curso de enfermagem – 1.º ciclo sobre a sexualidade humana, pois sabe-se que um dos grandes obstáculos à aprendizagem é a dificuldade em romper com o senso-comum, logo sendo a sexualidade um constructo sociocultural, este conhecimento é fundamental na orientação da reconstrução científica da sexualidade. Definiu-se a seguinte questão: Qual o universo semântico da representação sobre sexualidade dos estudantes do 1.º ano do curso de licenciatura em enfermagem?

Objetivo

Identificar o universo semântico do conceito de sexualidade na representação social dos estudantes do 1.º ano do curso de licenciatura em enfermagem.

MÉTODO

Estudo exploratório e descritivo desenvolvido numa Escola Superior de Saúde em Portugal. Participaram 180 estudantes do 1.º ano do curso de licenciatura em enfermagem (correspondentes a quatro cursos), sendo que 85,6% (154) são do sexo feminino e 14,4% (26) são do sexo masculino.

Foi utilizado o teste de associação livre de palavras. Trata-se dum tipo de investigação aberta que se estrutura na evocação de respostas dadas a partir dum estímulo indutor. A maneira como a pessoa reage a um estímulo é um reflexo das suas necessidades, motivos, atitudes ou traços pessoais (Polit,

Beck & Hungler, 2004). Utilizou-se, assim, o estímulo “a sexualidade é ...”, pedindo-se a evocação de 3/4 palavras que rapidamente os estudantes associassem ao estímulo.

A recolha de dados ocorreu em sala de aula, em tempo letivo destinado à abordagem da atividade de vida expressar-se sexualmente. O tempo médio de resposta foi de cerca de cinco minutos.

Tendo em conta as questões éticas inerentes a um estudo, na dimensão institucional foi solicitada e concedida autorização pelo Diretor da Escola de Saúde, bem como, na dimensão individual, foi salvaguardado o direito de participação e garantida a confidencialidade e anonimato dos dados. Referencia-se que o estudo enquadra-se no desenvolvimento de uma tese de doutoramento e tem parecer favorável da Comissão de Ética do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

Seguiu-se a análise descritiva e de conteúdo (Bardin, 2008), ou seja, perante um conjunto heterogéneo de unidades semânticas, foi necessário dar-lhe uma ordem. Primeiramente, começou-se por reunir e descontar palavras idênticas, sinónimos ou com proximidade semântica. Assim, obtiveram-se 687 palavras, das quais 84 são diferentes, em média cada estudante evocou 3,8 palavras. Destas, retiveram-se 28 palavras diferentes (as que apresentaram frequência superior a 8) que correspondem ao total de 587 palavras para o conjunto dos 180 estudantes. Surge como palavra mais evocada a *intimidade* com 89 ocorrências, seguida de *amor* com 60, palavras que do ponto de vista da sua singularidade remetem para a dimensão psicológica do conceito de sexualidade (Figura 1).

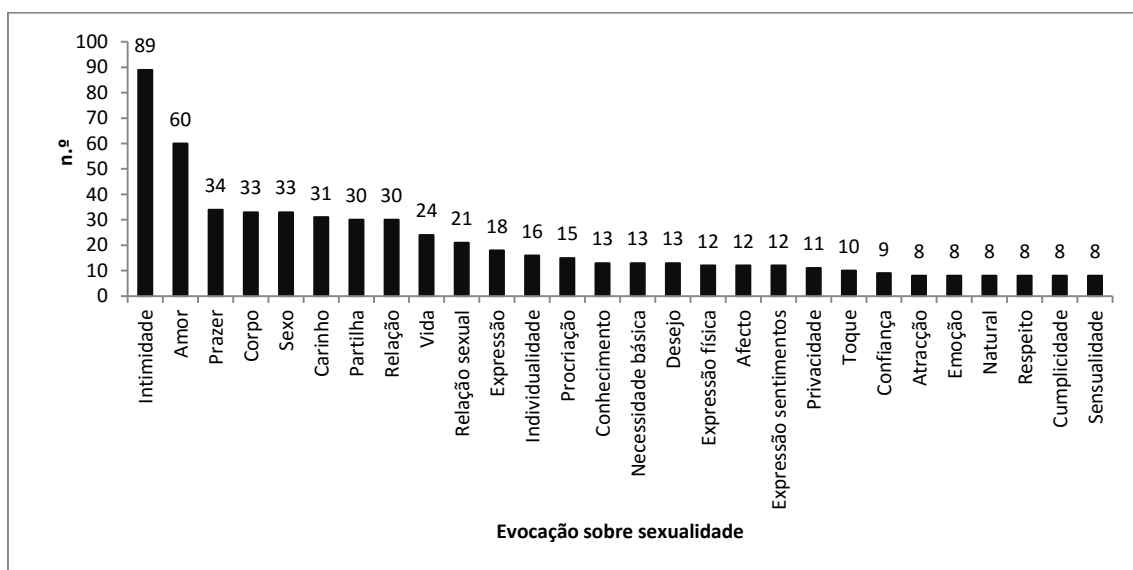


Figura 1. Distribuição da frequência absoluta das evocações sobre sexualidade

De seguida, as palavras associadas à sexualidade foram organizadas em dimensões que compõem o universo semântico da representação social da sexualidade para os estudantes do 1.º ano do curso de enfermagem, procurando-se que estas dimensões se constituam em unidades de significação e, sejam uma representação condensada do conceito de sexualidade reveladora duma estrutura interna (Tabela 1).

Tabela 1. Matriz do universo semântico da representação social da sexualidade

| Dimensão | Sub-dimensão | Palavras contribuintes (n.º e %) |
|--------------------------|---------------------------|--|
| Dimensão psicológica | Expressão de emoções | Amor – (60 – 10,6%) Carinho – (31 – 5,3%) Afeto – (12 – 2,0%) Expressão sentimentos – (12 – 2,0%) Emoção – (8 – 1,4%) |
| | Experiência individual | Intimidade – (89 – 15,2%) Individualidade – (16 – 2,7%) Privacidade – (11 – 1,9%) |
| | Comunicação interpessoal | Corpo – (33 – 5,6%) Conhecimento – (13 – 2,2%) Toque – (10 – 1,7%) Cumplicidade – (8 – 1,4%) Sensualidade – (8 – 1,4%) |
| Dimensão bio fisiológica | Procriativa | Sexo – (33 – 5,6%) Relação sexual – (21 – 3,6%) Procriação – (15 – 2,6%) |
| | Prazeirista | Prazer – (34 – 5,8%) |
| | Motivação sexual | Desejo – (13 – 2,2%) Atração – (8 – 1,4%) |
| | Expressão física | Expressão física – (12 – 2,0%) Natural – (8 – 1,4%) |
| Dimensão sociocultural | Interação social | Partilha – (30 – 5,1%) Relação – (30 – 5,1%) |
| | Visão social emancipadora | Vida – (24 – 4,0%) Expressão – (18 – 3,1%) Necessidade básica – (13 – 2,2%) |
| | Valores culturais | Confiança – (9 – 1,5%) Respeito – (8 – 1,4%) |

DISCUSSÃO

Os aspetos ligados à sexualidade não podem ser separados uns dos outros, nem um é mais importante do que o outro, aquilo a que se pode chamar a natureza interativa das dimensões sexuais (Greenberg, Bruess & Conklin, 2011). Contudo, em determinadas etapas do ciclo de vida uma dimensão pode sobressair, sobretudo associada à natureza dos processos biopsicossociais que marcam cada uma destas etapas. Assim, a lógica que precedeu a organização das dimensões da sexualidade neste caso, assume que se está perante jovens adultos, ou seja, a fase final da adolescência entrecruza-se com o início da idade adulta, onde predomina um processo psicossocial, o que faz emergir uma representação social, predominantemente, ancorada ao mesmo.

Dimensão psicológica

A dimensão psicológica da sexualidade aqui associada à expressão de emoções, experiência individual e comunicação interpessoal releva um carácter construído ligado à aprendizagem da sexualidade, que começa desde tenra idade e faz com que o ser homem e o ser mulher seja o descrito e prescrito para cada categoria sexual, em termos de traços e comportamentos, com uma clara desvantagem para a mulher.

A expressão de emoções construída pelas palavras: *amor, carinho, afeto, expressão sentimentos e emoção* mostra como a sexualidade serve, entre os seres humanos, para realçar que os comportamentos sexuais transcendem em muito a dimensão física e têm muitos significados e muitos

objetivos e que os jovens têm, para além das suas necessidades sexuais, necessidades emocionais. Por outro lado, estando-se perante um grupo, maioritariamente feminino, algumas características associadas pelo processo de sexualização ao feminino são muito evidentes, ou seja, há uma clara valorização da dimensão afetiva ligada à vivência da sexualidade, o que pode significar que a sexualidade só adquire um sentido se existir um envolvimento afetivo entre os parceiros (Marques, 2009).

Grande parte dos jovens, mais os do sexo feminino, considera o amor como um pré-requisito para uma vida sexual, onde alguns dos atributos que definem o amor romântico como a intimidade e a confiança são essenciais. Entra-se, assim, na segunda sub-dimensão psicológica, a experiência individual associada às palavras: *intimidade, individualidade e privacidade*. A relevância dada a estas palavras, particularmente, à intimidade revela bem o cariz intimista e individualizado da vivência da sexualidade que já se construiu nesta fase da vida, mostrando como a sexualidade tornou-se uma das experiências fundamentais para a construção da subjetividade e da relação consigo mesmo (Bozon, 2004) e, também, a vivência das primeiras relações a dois com um carácter de maior continuidade e compromisso, que assinala a entrada numa idade de maior autonomia sexual, a juventude. A construção da autonomia e da identidade acontece, em grande parte, na esfera privada e sem o controlo das duas instituições que até esta data marcaram o processo de educação sexual – a família e a escola. Assim, a sexualidade entendida como expressão humana universal é singular na sua caracterização individual permitindo que cada um dos indivíduos lhe atribua um sentido diferente e a inscrevam na sua biografia. São estas diferentes configurações baseadas em orientações íntimas que se constituem como quadros mentais que delimitam o exercício da sexualidade, definem o sentido que lhes é atribuído e indicam o papel da sexualidade na construção da identidade (Bozon, 2004).

Outro sentido sobre a representação da sexualidade nesta dimensão compreende a comunicação interpessoal construída pelas palavras: *corpo, conhecimento, toque, cumplicidade e sensualidade*. É claro que a experiência da sexualidade envolve o corpo e é exercida, fundamentalmente, através do corpo (Louro, 2000), “um corpo que se apresenta e representa nas relações interpessoais e é em função dele que os comportamentos sexuais são social e individualmente encenados” (Alferes, 1997, p. 69). Emerge aqui, em associação com a valorização afetiva já mencionada, um significado de sexualidade mais relacional, onde o conhecimento do corpo próprio e do parceiro é de relevante importância, feito pelo toque, num ambiente de cumplicidade e sensualidade, ou seja, a sexualidade na sua dimensão erótica, onde a capacidade de perceber as sensações e sentidos do corpo sexuado é marcada. Esta perspetiva ultrapassa em muito o imperativo biológico da sexualidade mais ligada à visão do corpo como instrumento e faz sobressair o corpo enquanto sujeito que é gerido e partilhado na relação com o outro, favorecendo a intimidade e aumentando o conhecimento. Ao nível da comunicação interpessoal a sexualidade parece revelar-se como um modo de perceber o outro, em que o corpo é um meio e um realizador da intersubjetividade humana, pois a perceção da realidade faz-se através do corpo (Carvalho, 2008), ou antes, se é o corpo que nos separa inevitavelmente dos outros, é também ele que, em primeira instância, nos aproxima (Alferes, 1997).

Dimensão bio fisiológica

Do ponto de vista da dimensão bio fisiológica da sexualidade, para estes estudantes de enfermagem, a representação da sexualidade organiza-se nas sub-dimensões: procriativa, prazenteira, motivação sexual e expressão física.

A sexualidade tem claramente uma dimensão biológica, e não pode ser entendida sem se ter em conta esta dimensão (López & Fuertes, 1999) que constitui, mesmo, a base para a sua compreensão (Greenberg, Bruess & Conklin, 2011). O fim primordial desta dimensão é a procriação, que surge nesta hierarquização em primeiro lugar, sustentada nas palavras: *sexo, relação sexual e procriação* e que marcou até à década 60 do século XX a forte associação entre sexualidade e reprodução. Contudo, na sociedade contemporânea a reprodução ocupa um espaço reduzido e marginal, o que contribuiu, provavelmente, para neste grupo a sexualidade aparecer como uma experiência pessoal vivida num contexto de intimidade e afetividade. De facto, hoje “as relações sexuais destinadas à procriação passaram a ser pensadas como uma realidade totalmente distinta das relações não destinadas à procriação” (Bozon, 2004, p. 45); isto, porque a dissociação entre sexualidade e reprodução obtida pela revolução contraceptiva dos anos 60 permitiu, particularmente, às mulheres descobrirem e viverem uma nova sexualidade. Estando-se perante um grupo em que 85,6% é do sexo feminino entende-se que esta visão menos expressiva da sexualidade seja menos marcada, ainda que represente 11,8% das sub-dimensões. Por outro lado, ressalta que a sexualidade com fins reprodutivos enquadra outros aspetos do funcionamento da personalidade como o amor e a afetividade que são claramente influenciados pela vertente sociocultural.

A valorização da sexualidade no sentido prazenteiro associado à palavra *prazer*, mostra-se interessante e releva como através do comportamento sexual há a procura de um bem-estar físico e sensual. Vem, também, reforçar uma menor importância à finalidade reprodutiva e salientar um princípio de igualdade entre parceiros (Bozon, 2004). A espécie humana está especialmente dotada para o contacto dérmico, com toda a superfície corporal capaz de dar e receber, tocar e ser tocada, mas cada pessoa é distinta nesta capacidade e evolui, ao longo da sua vida, para formas mais aperfeiçoadas e plenas na vivência deste prazer corporal.

Neste contexto, configura-se uma diferenciação da sexualidade como fonte de prazer, mas dentro de uma relação que envolve uma motivação sexual expressa pelas palavras *desejo e atração*. Afirmo o autor que os seres humanos têm uma forte motivação sexual (desejo e atração) e que a sua atividade sexual é premiada pelo prazer sexual (Sánchez, 2005). Ainda que a atração sexual seja física, ao seleccionar o objeto de desejo, ela é socialmente condicionada (Matos et al, 2010) ou de outra forma, o alvo do desejo sexual é socialmente produzido (Louro, 2000). Os fatores que intervêm na atração são diversos, mas os mais importantes são de natureza psicossocial, nomeadamente, a orientação do desejo, os modelos de beleza dominantes, determinados traços físicos, várias características psicológicas e sociais e o carácter de novidade do estímulo (López & Fuertes, 1999). A presença destes fatores é, nesta fase da vida destes jovens, muito presente. Logo, a sua referência ligada ao conceito de sexualidade corrobora a natureza psicossocial que marca esta fase e pode deixar supor a emergência do enamoramento. Ou seja, o desejo de uma união completa e de carácter duradouro com o outro que adquire um sentido de reciprocidade e abre a possibilidade de construção de uma

relação pautada pela intimidade, carinho, respeito, o que leva à distinção entre o que se deseja na outra pessoa e o que ela na verdade é (López & Fuertes, 1999). Esta interligação entre a dimensão biológica e a psicológica ilustra bem a interconetividade entre dimensões e como a sexualidade é um fenómeno global no ser humano.

Por último, surge a expressão física dando sentido, também, à dimensão biológica pelas palavras: *expressão física* e *natural*. A separação da sub-dimensão procriativa procura evidenciar o esboço de um novo entendimento, que considera a sexualidade naturalizada, isto é, entendida como algo natural, faz parte do ser humano, está presente na vida e sem a qual não se vive (Marques, 2009), mas, sendo natural precisa de ser expressa fisicamente. Esta posição vem reforçar o sentido atribuído na dimensão psicológica e mostrar a sexualidade como algo que a pessoa tem e cultiva, no sentido que interpreta e reinterpreta ao longo da vida.

Dimensão sociocultural

A dimensão sociocultural ancorada nas sub-dimensões: interação social, visão social emancipadora e valores culturais, ainda que menos expressiva, em termos de evocações, é determinante para a vivência da sexualidade.

Os comportamentos sexuais são comportamentos sociais, logo são socialmente regulados (López & Fuertes, 1999). Por sua vez, as práticas sexuais, os relacionamentos e os seus significados estão enraizados no conjunto das experiências que constituem as pessoas como seres sociais, dentro dos cenários culturais da sexualidade prevalentes nas suas sociedades (Bozon, 2004). A sexualidade proporciona o encontro com o outro, na sub-dimensão interação social, quando são evidenciadas as palavras: *partilha* e *relação*, o que se pode entender como um comportamento dialogal, no sentido de que há a possibilidade de uma relação interpessoal socialmente legitimada. Contudo, as normas que socialmente regulam o exercício da sexualidade têm mudado muito nas últimas décadas e são, essencialmente, transmitidas pela família, escola ou grupo social. Esta mudança mostra que são cada vez mais flexíveis e evolutivas e têm acompanhado o processo de individualização dos comportamentos. Por isso, esta relevância à interação social situa os comportamentos sociais para além da esfera privada e, simultaneamente, realça o seu carácter construído e localizado.

A sexualidade não é hoje igual a reprodução, fruto das grandes transformações que marcaram a última metade do século XX, sobretudo, as que afetaram a situação das mulheres na família e na sociedade: o uso da contraceção, o aumento da escolaridade, o ingresso no mundo do trabalho e as novas formas de conjugalidade. As palavras: *vida*, *expressão* e *necessidade básica* ilustram estas transformações e dão corpo a uma visão social emancipadora, no sentido de que ao nível da sexualidade as mulheres souberam tirar partido delas e podem usufruir duma vida sexual plena e satisfatória. Veja-se a relevância que nas dimensões anteriores foi dada à afetividade, à intimidade, mas também à atração, ao desejo e ao prazer. Estando-se perante um grupo essencialmente feminino, esta valorização expressa que a sexualidade é considerada como uma dimensão da vida, igual a qualquer outra, que se expressa e satisfaz, enquanto necessidade básica. Configura também, que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política e construída ao longo da história e da história de cada um de muitos modos e por todos (Louro, 2000).

A referência a valores culturais como a *confiança* e o *respeito* vem confirmar que a sociedade e a cultura legitimam a vivência da sexualidade, mas dentro de um quadro de valores que a orientam, percebendo-se uma tendência para a proteção da cada pessoa na sua dimensão individual e de todos os que são afetados pelas suas ações. Emerge, assim, dentro desta dimensão sociocultural a valorização da vivência da sexualidade assente em valores comuns aos membros da sociedade que permitam a defesa da dignidade humana, num campo tão sensível e controverso da vida humana (carvalho, 2008).

CONCLUSÕES

Aparenta existir nestas representações sobre a sexualidade um forte comprometimento psicológico que evidencia a ancoragem no processo psicossocial que marca a transição para a vida adulta. Estes jovens, maioritariamente mulheres, parecem ter necessidade de sentir proximidade emocional para a vivência das suas experiências individuais da sexualidade, bem como, valorizam um significado de sexualidade mais relacional, essencialmente vivido no corpo e pelo corpo. A dimensão física da sexualidade parece, depender do amor e da afetividade e dá ênfase à procura de um bem-estar físico e sensual, ou seja, ao prazer. Ao nível sociocultural é reforçado o carácter construído e localizado dos comportamentos sexuais quando são evocados valores culturais e se expressa uma visão social emancipadora, que se fundamenta, mais uma vez, em se estar perante um grupo de jovens mulheres. Salienta-se uma vivência da sexualidade por uma interação socialmente legitimada.

Em síntese, pode afirmar-se que se esboça em termos de representação social da sexualidade um significado tendencialmente conservador ou normativo, sobretudo no que se relaciona com o papel de género atribuído ao feminino, quando se valoriza uma vinculação afetiva na relação com o outro, que por certo será resultado do processo de socialização vivido, onde a influência familiar e, porventura, da religião foram marcantes. Por outro lado, esboça-se também, um significado mais aberto da sexualidade que se estrutura em torno do corpo, do prazer e na menor expressividade da função procriativa. Parecem, assim, coexistir duas orientações das representações, o que é plausível num momento social e histórico que aceita e legitima estas mesmas orientações e, que por sua vez, reforça o carácter construído desta representação.

Num outro sentido, o conjunto das significações desveladas vem possibilitar a compreensão do significado da sexualidade para jovens estudantes de enfermagem e encaminhar para a importância do estudo da sexualidade na educação em enfermagem, isto porque, simultaneamente a um processo de desenvolvimento pessoal e social, vai acontecer um processo de desenvolvimento profissional. Esta necessidade fundamenta-se na coexistência de duas orientações na representação, com maior relevância para a que expressa uma posição mais conservadora, logo o acompanhamento deste processo deve ser privilegiado para se poder operar a tal reconstrução científica tão necessária a uma legitimação do cuidar no âmbito da sexualidade e para que apontam numerosos estudos (Washington & Pereira, 2012).

Contudo, esta primeira aproximação ao estudo da sexualidade como representação social necessita de ser mais aprofundada. Por um lado, a visão que se obteve não mostra a diferença por sexo, por opção de investigação, o que poderá dar contributos na compreensão duma representação que se

sabe ser influenciada por um processo de socialização, marcadamente, assimétrico. Também, a não relevância da dimensão de risco associada aos comportamentos sexuais, pode significar uma não assimilação dos princípios ligados ao sexo seguro, o que pode ser preocupante e importa perceber. Em termos metodológicos, a utilização de outras técnicas de análise de dados pode dar contributos importantes e deve ser preocupação em futuras investigações.

No entanto, esta breve incursão no universo dos estudos sobre representações sociais mostra os subsídios significativos que as representações podem ter no processo de ensino aprendizagem. A identificação de um qualquer conceito mostra um determinado conhecimento prático, no sentido, como foi construído e adquirido; logo esta identificação no processo de ensino aprendizagem pode revelar como se estruturou um conceito ao longo do mesmo, podendo-se sempre fazer um caminho que favoreça a sua reorientação científica e profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alferes, V. R. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais: Para uma psicologia da sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Antunes, M. T. (2007). *Atitudes e comportamentos sexuais de estudantes do ensino superior*. Coimbra: Formasau.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (4ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Carvalho, C. S. (2008). *Guia de educação da sexualidade*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã.
- Greenberg, J., Bruess, C., & Conklin, S. (2011). *Exploring the dimensions of human sexuality*. Jones and Bartlett Publishers, LLC.
- López, F., & Fuertes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Louro, G. L. (2000). *Currículo, género e sexualidade*. Porto: Porto Editora.
- Marques, A. C. (2009). "Os homens não são iguais e todas as mulheres não são iguais": Representações dos jovens sobre sexualidade. *CIES e-Working Paper* n.º 76/2009.
- Matos, M. G., et al. (2010). Sexualidade, cultura e saúde sexual em Portugal e na América Latina. In M. G. Matos (org.) *Sexualidade: Afectos, cultura e saúde. Gestão de problemas de saúde em meio escolar*, p. 159-175. Lisboa: Coisas de Ler Editora.
- Polit, D.F., Beck, C. T., & Hungler, B. P. (2004). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: Métodos, avaliação e utilização*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Ressel, L., Budó, M., Junges, C., Sehnem, G., Hoffmann, I., & Büttenbender, E. (2010). O significado de sexualidade na formação de enfermeiros. *Revista Enfermagem UFPE on line*, 4(2), pp. 184-191.
- Sánchez, F. L. (2005). *La educación sexual*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Vala, J. (2000). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In: J. Vala & M. B. Monteiro (orgs). *Psicologia social*, p. 457-502. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Washington, M., & Pereira, E. (2012). A time to look within curricula - Nursing students' perception on sexuality and gender issues. *Open Journal of Nursing*, 2(2), pp. 58-66.

World Health Organization. (2006). *Defining sexual health: Report of a technical consultation on sexual health 28-31 January 2002*. Geneve: WHO. Acedido em 31 de agosto de 2008, de [www:
http://www.who.int/reproductivehealth/topics/gender_rights/defining_sexual_health.pdf](http://www.who.int/reproductivehealth/topics/gender_rights/defining_sexual_health.pdf)